

ENFIM,
UM GRE-NAL
PARA DECIDIR

PLACAR

N.º 811 06/DEZEMBRO/85 Cr\$ 11 000



O SÃO PAULO E FALCÃO JÁ GANHAM A GUERRA

Bangu e Flu que se cuidem

O MENGÃO ESTÁ CHEGANDO

CRUZEIRO E GALO: O MINEIRÃO TREME



Tostão e Elzo

ACRE, ALAGOAS, AMAPÁ, AMAZONAS, BAHIA, CEARÁ, MARANHÃO, MATO GROSSO, PARÁ, PARAIBA, PERNAMBUCO, PIAUÍ, RIO GRANDE DO NORTE, RONDÔNIA, RORAIMA E SERGIPE. Cr\$ 15 000 - 0503

A FOTO DA SEMANA

SERGIO BEREZOVSKY

Pelas caras de Márcio Araújo, Müller, Careca, Falcão e Nelsinho, percebe-se que o perigo do Guarani é Neto

CARO LEITOR**Saem os nossos ídolos, entram os advogados**

Os repórteres esportivos paulistas não tiveram muitas oportunidades, ao longo da semana passada, de escrever sobre craques, ídolos e jogos de futebol. Com exceção dos que estiveram presentes sábado ao Estádio Brinco de Ouro da Princesa, em Campinas, onde o São Paulo de mestre Falcão e o Guarani do talentoso Neto empataram por 1 x 1, coube a muitos deles uma desagradável tarefa: acompanhar, nos tribunais esportivos, os sisudos lances entre advogados e juizes que decidiam, no tapetão, os destinos do atual campeonato estadual.

Mesmo nesses casos, porém, sempre é possível ver o lado divertido das coisas. Foi o que fizeram Roberto Salim e Nelson Coelho, de PLACAR, que

durante toda a última sexta-feira acompanharam alguns dos principais personagens que reviraram a Federação Paulista de Futebol de pernas para o ar:

O resultado do trabalho de Salim e Nelsinho pode ser visto na página 82 desta edição. É a última página de PLACAR — destinada, todas as semanas, à seção de humor da revista.

Carlos Maranhão



Roberto Salim e Nelson Coelho: humor na FPF

SUMÁRIO

Tempo de decisão no Rio de Janeiro	4
Juca Kfour	9
Enfim, um Gre-Nal pra valer no Sul	10
O São Paulo de Falcão sai na frente	12
Minas Gerais: o Galo está vivo	16
De Primeira	18
Gilmar, a muralha do Bangu	22
Washington, a arma do Fluminense	25
Flamengo: Zico se defende	30
Entrevista: Moisés, do Bangu	33
O domingo maldito do Palmeiras	39
Em debate, o cabeça-de-área	42
Márcio Araújo, o insubstituível	46
Onde Anda... Scala, do Inter	48
Grêmio: ressurreição de um quarteto	50
Esporte Total	52
Bigu quer voltar para o Flamengo	54
Marcha atlética	56
Djan Madruga, o superatleta	58
O Que Ninguém Viu	60
O Esportista do Ano	61
Frank Williams, o patrão de Piquet	62
A Semana	68
Loteria Esportiva	73
O tapetão paulista	80



JUCA KFOURI

Quem ganha na luta entre Medrado e Nabi

De um lado, João Maria Medrado Dias, ex-diretor de futebol da CBF. Um homem sério, sem pretensões políticas, mas com uma visão conservadora e pouco corajosa em relação às necessidades de mudança no futebol brasileiro. Parece preferir Parreira como técnico da Seleção, embora, felizmente, não descarte o nome de Telê Santana.

Do outro lado, Nabi Abi Chedid, ex-presidente da Federação Paulista, seu atual vice, deputado estadual, autor da pior gestão que o futebol paulista tem conhecimento em toda a sua história, sonha com Telê como treinador da Seleção, único aspecto positivo de sua candidatura.

Na verdade, a sucessão na CBF está posta entre dois homens que não têm muito a oferecer, embora a eleição de Medrado Dias não represente uma catástrofe — principalmente se optar por Telê, que está voltando nestes próximos dias, em definitivo, o nome amplamente majoritário no gosto da torcida nacional. Mas fica claro que a próxima direção da CBF não significará um avanço do futebol.

Corinthians perdido

E a sucessão na CBF está presente até mesmo na correta sentença do STJD da entidade, atendendo à primeira solicitação da Ferro-

viária na luta que move com o Corinthians pelo direito de participar das finais do Paulistão.

As críticas de alguns julgadores à bagunça do futebol administrado por Nabi têm endereço certo, mesmo que signifiquem evidente extrapolação de funções.

Pior que isso só mesmo a situação corintiana. Ganhou duas vezes no TJD paulista, mas nada indica que sairá vencedor no terceiro julgamento, no Rio. E ameaça recorrer à Justiça Comum, um horror.

De fato, as atitudes e os argumentos da Ferroviária nos últimos dias são dignos de quem tem a segurança de vencer na esfera esportiva, ao menos pelo benefício da dúvida numa questão que coloca em confronto manifestações legais que se opõem.

Se o Corinthians não teve competência para se classificar jogando futebol — e lhe bastava ter empatado em Ribeirão Preto para tanto —, não será sensato supor que seus advogados obtenham o impossível.

Todo o episódio, aliás, além de comprovar mais uma vez que a sina de Nabi e companhia é o tapetão — foi assim em 1979 e está sendo igual nas três divisões do futebol de São Paulo —, mostra a necessidade de uma nova, e sumária, legislação esportiva para o país. Porque também não é sério que um ministro da Educação, em meio aos problemas que afetam essa área no Brasil, baixe portarias a respeito de punições de jogadores de futebol.

E é uma pena, enfim, que na

hora de decidir campeonatos tão importantes, como o Paulista, o assunto seja o tribunal e não o futebol. Mas ainda existem os que imaginam que a fórmula ideal de disputa não seja o clássico turno e retorno — que, se não impede, dificulta o tapetão.

Falcão vitorioso

Importa menos saber, agora, se Cilinho cedeu ou se ficou mesmo convencido da necessidade de escalar Falcão. Vale considerar que o craque está em campo, boa nova neste futebol de juristas nem sempre brilhantes (uma concessão generosa ao advogado José Izar, do Corinthians, o rei do vernáculo) e talentos cada vez mais raros.

Falcão está de volta, isso é que importa. E, se ele ainda não jogou contra o Guarani tudo o que se espera, deu o passe para o gol tricolor e fez valer toda a sua experiência.

Verdade que o São Paulo foi auxiliado pela má arbitragem de Dulcídio Wanderley Boschilia, que não assinalou pelo menos um pênalti claro para o Guarani. Mas, se o empate coloca o São Paulo em situação muito boa para chegar às finais, a escalação de Falcão é uma garantia de que o bom senso imperou no Morumbi, mesmo que Cilinho tenha sido obrigado a rever uma posição que, simplesmente, denotava uma inexplicável teimosia.



DECISÃO PAULISTA

Um empate e dois grandes vencedores

O 1 x 1 entre Guarani e São Paulo foi uma vitória para Falcão e seu time, que ficou a um ponto da final

*Pita, Barbiéri e Falcão, sábado,
no Brinco de Ouro: um
duelo de raça e categoria*



CAMPEONATO PAULISTA

No sábado, quando Guarani e São Paulo empataram por um gol, em Campinas, na primeira — e única — partida que se conseguiu realizar pelas semifinais do conturbado Campeonato Paulista, pouca gente lembrava que se completavam exatos 100 dias que Paulo Roberto Falcão pertencia ao tricolor. Nem o próprio Falcão lembrou.

Mais importante para ele, além de um futebol dedicado e sóbrio que ajudou o São Paulo a manter a vantagem do empate para a segunda partida, era a constatação de ter entrado em campo, pela primeira vez desde que assinara contrato (20 de agosto), como titular de fato, uma situação que Falcão só conhecera no Morumbi 48 horas antes. Até a manhã de quinta-feira, dia 28, ele permanecia "opção" para o personalista técnico Cilinho, e pouquíssima coisa o deixava à vontade para projetar qualquer futuro no clube, quanto mais o futuro brilhante que ele imaginara ao escolher o São Paulo para retomar uma carreira interrompida durante dez meses por uma delicada operação no joelho.

CLASSE E CHUTÃO

Em campo, mesmo longe daquele jogador genial dos tempos do grande Internacional, da Roma e da Seleção, Falcão justificou plenamente a repentina mudança de idéia do técnico. Foi capaz de destruir um contra-ataque do Guarani, aos 34 minutos do primeiro tempo, com um sutilíssimo toque de

Cilinho muda e Falcão vira titular de última hora

calcanhar já dentro da sua área, como também foi capaz de, 3 minutos depois, desarmar uma jogada pelo meio-campo com um chutão para a lateral. Mas o lance que marcaria sua presença aconteceu no segundo tempo: o lançamento que Müller transformaria no gol do São Paulo, depois de uma bobeadada do zagueiro Júlio César. Feito o gol, os abraços de comemoração foram rigorosamente repartidos para Müller e para Falcão.

"Aquilo para mim foi maravilhoso", definiu Falcão no acanhado vestiário de Campinas, enquanto ajustava uma vistosa camisa branca de listras azuis dentro da calça de sua griffe. "Acho que foi um jeito que meus companheiros tiveram de agradecer meu entrosamento e honestidade com o grupo." Falcão falava num misto de satisfação e alívio. Sabia que aquele jogo marcava o fim de uma situação que se desenhou penosa durante muito tempo e tornou-se particularmente difícil nas duas últimas semanas.

Nas noites dos dias 21 e 22 de novembro, a polêmica que dividia o Morumbi desde a decisão de Cilinho em

manter Falcão na reserva atingiu o ponto máximo. Foram então realizadas duas calorosas reuniões, que envolveram o presidente Carlos Miguel Aidar; seu pai, o ex-presidente Henry; o diretor de marketing do clube e da agência da MPM, Celso Grellet; e o procurador de Falcão, Cristóvão Colombo. Em ambas, Colombo propôs o mesmo que já tentara um mês antes: a rescisão do contrato. Falcão até participou da segunda, no escritório de Grellet, na Avenida Europa, nos Jardins, elegante bairro da capital paulista. "Não posso permitir que humilhem Falcão por causa de 500 000 dólares, mesmo porque ele perdeu 400 000 dólares só por não ter ido para a Fiorentina", justificava Colombo.

HORA DE BOM SENSO

Para tentar evitar que o clima se deteriorasse ainda mais, o presidente Carlos Miguel baixou uma determinação para a semana seguinte: "A partir de segunda-feira (25), ninguém mais vai comentar o caso Falcão", ordenou. Todos os jogadores e membros da comissão técnica seguiram à risca o pedido. Na quarta-feira, diante da insistência dos repórteres, o técnico Cilinho informava, a seu estilo: "Falcão fica no banco e ponto. Será que eu preciso registrar minhas declarações em cartório?"

Seria no mínimo engraçado se alguém dissesse que sim. Se na manhã de quinta-feira Cilinho mantinha a decisão — com o amazonense Freitas escolhido para o lugar de Sídney —, já no treino da tarde Falcão estava escalado como titular para enfrentar o Guarani. A confusão começara depois do almoço, quando o diretor de futebol Juvenal Juvêncio, ar misterioso, prometia "uma grande surpresa" para dali a meia hora. Apesar de todas as evidências apontando para algum tipo de pressão, parece pouquíssimo provável — para quem conhece um mínimo de Cilinho — que tal expediente tenha sido usado. "Olha, se tivesse acontecido a mais leve insinuação nesse sentido, aí é que o homem não escalaria Falcão mesmo", testemunharia o goleiro Gilmar. O próprio Falcão concordava: "Pelo que eu conheço de Cilinho nesses meses de convivência, acho simplesmente impossível que isso tenha acontecido".

Em suas explicações, Cilinho disse



SERGIO BEREZOVSKY

Lançado por Falcão, Müller dribla Waldir Peres para marcar o gol tricolor



NICO ESTEVES

Gilmar se esforçou, mas o escanteio de Neto era perfeito: Júlio César só conferiu

que Falcão seria importante numa decisão, “pela sua experiência, tranquilidade e espírito coletivo”. Só não foi feliz ao escolher uma frase de efeito para justificar a mudança: “Chegou a hora de usar o bom senso”. Depois do jogo de Campinas, repetiu os elogios a seu novo titular e qualificava a escalação de Falcão como “um plá psicológico”, pois nunca teria havido

atrito entre ambos e era hora de unir duas correntes: “A que apoiava Cilinho e a que apoiava Falcão”.

Na verdade, se houve uma reunião que pode ter influenciado o treinador, esta aconteceu na terça, dia 26, numa chácara onde houve um churrasco com a presença apenas dos jogadores. Todo mundo falou. Até Falcão, depois de receber um pedido do goleiro

reserva Abelha nesse sentido. Falcão colocou suas posições e preocupações com o possível peso que representaria para o grupo. Os jogadores gostaram muito e Cilinho ficou sabendo de tudo. Talvez ali o técnico tenha mudado de idéia. “Isso não interessa”, garantia um craque tricolor antes da partida com o Guarani: “O que importa é que naquele dia começamos a ganhar um título que já começava a querer escapar da gente”.

Para não escapar, antes de mais nada o São Paulo precisará pelo menos empatar — no tempo normal e na prorrogação — sua segunda partida com o Guarani. Uma tarefa que o técnico Lori Sandri e seus comandados pretendem impedir. “Ainda mais que não teremos de enfrentar também o juiz”, como disse Lori, irritado com a atuação de Dulcídio Wanderley Boschilia, que teria perseguido seus jogadores e não apon-tado um toque do lateral Nelsinho dentro da área.

O VENENO DO GUARANI

Júlio César, o zagueiro que saiu do papel de vilão para o de herói no sábado — falhou no gol tricolor, mas foi conferir, de ombró, a magnífica cobrança de escanteio de Neto, que resultou no empate —, afirma que nada vai ficar barato para o São Paulo. “Quero esse título porque aí fica mais fácil voltar para a Seleção”, afirma, lembrando que foi convocado por Evaristo de Macedo este ano.

O mesmo desejo se observa nos olhos do genial gordinho Neto, o explosivo e venenoso meia que transforma cada escanteio em pânico para a defesa adversária. É na habilidade de Neto, aliás, que o Guarani e o técnico Lori Sandri depositam as maiores esperanças de despachar o favorito São Paulo. “Esperamos também um juiz correto”, alfineta Lori, que até sábado só temia um adversário em campo: “Pensei que só Falcão desequilibrava”.

Ari Borges, Betise Assumpção e Nelson Urt

Oito pérolas do caso Falcão

Frases e declarações, aparentemente definitivas, da polêmica que agitou o Morumbi durante 100 dias

“Do ponto de vista de arrecadação, pouco importa para o São Paulo se Falcão jogar bem ou mal. O importante mesmo é que ele entre em campo.”

(Presidente Carlos Miguel Aidar, dia 6/9/1985.)

“O São Paulo conquistou a liderança de tudo, até de arrecadação, sem Falcão como titular.”

(Do mesmo Aidar, dia 4/11/1985, quando Falcão seguia na reserva.)

“Quero que me esqueçam um pouco e que me dêem tranquilidade até para jogar mal. Preciso de ritmo.”

(Falcão, depois da derrota de 2 x 0 para a Ponte Preta, dia 16/11/1985.)

“Não sei se volto.”

(Falcão no dia 21/11/1985, ao embar-

car para Porto Alegre, já sabendo que não jogaria contra o Noroeste.)

“Ora, se Falcão estiver mal, é óbvio que as próprias empresas que o trouxeram não gostariam de vê-lo em campo desgastando sua imagem.”

(Cilinho, em PLACAR de 6/9/1985.)

“Não posso deixar de escalar Falcão, senão ele não recupera a forma.”

(Cilinho, em PLACAR de 4/10/1985.)

“Já estou cansado de repetir: Falcão vai ficar no banco de reservas. Ele está sem ritmo. Eu não preciso registrar minhas declarações em cartório, não é?”

(Cilinho, no dia 27/11/1985.)

“Escalei Falcão como titular para o primeiro jogo contra o Guarani. A garra dele vai superar a falta de ritmo.”

(Cilinho, na tarde do dia seguinte, 28/11/1985.)



Márcio Araújo, 25 anos: pulmões e físico invejáveis forjados no laboratório de futebol do Morumbi

MÁRCIO ARAÚJO

O homem que não entregou a camisa

Nem a vinda de Falcão impediu que ele fosse o único são-paulino a jogar todo campeonato

Com a chegada de Falcão, em agosto passado, ninguém duvidava que Márcio Araújo estava condenado a ocupar o banco de reservas do São Paulo, ou a mudar de time. Puro engano: na semana retrasada, ao acabar o segundo turno do Campeonato Paulista, ele era o único atleta do elenco tricolor a ter participado de todas as 38 partidas do tor-

neio. Ele barrou Falcão no time durante metade do segundo turno e, na quinta-feira da semana passada, quando Cilinho anunciou que o ex-rei de Roma seria titular na fase final do campeonato, Márcio Araújo continuava na equipe. Quem perderia o lugar seria Freitas.

Forjado nos laboratórios do Morumbi e considerado um modelo de atleta

para os companheiros, Márcio Araújo é um médio-volante técnico e com enorme poder de destruição. Altamente disciplinado, jamais abusa da violência e seu jeito de profissional sério e competente costuma provocar admiração até entre os adversários. Mais ainda: cuida de seu físico com a dedicação de um astronauta. "O que me impressiona neste menino é sua visão de jogo", elogiou Cilinho, assim que chegou ao Morumbi em 1984. Essa admiração do técnico cresceu ainda mais quando percebeu que podia contar com o craque de 25 anos nas mais variadas posições. Como um autêntico curinga, Márcio Araújo substituiu Oscar na zaga-central; Darío Pereyra na quarta-zaga; e já circulou até pela ponta-direita.

"Ele vive o futebol 24 horas por dia", constata o preparador físico Carlos Roberto Oliveira, o Bebeto. De fato, vivendo na concentração do Morumbi — local que frequenta com a devoção de um sacerdote —, Márcio Araújo desenvolveu um físico privilegiado e invejáveis pulmões. Toda es-

sa energia o transforma em um verdadeiro anjo da guarda em campo, capaz de defender e armar os ataques com igual eficiência. "Ele tem o fôlego de um gato", assombra-se Careca.

DUELO PSICOLÓGICO

É essa vontade de participar dos jogos, nem sempre comum nos craques atuais, que faz de Márcio Araújo uma presença recordista em jogos do São Paulo. A exemplo do Campeonato Paulista, na última Taça de Ouro ele só ficou de fora em quatro dos 20 jogos — e dois por estar sem contrato. Foi nessa fome de bola que Falcão derrapou em seus primeiros tempos de São Paulo e foi essa gana que deu forças a Márcio Araújo para agüentar um fantástico duelo psicológico. "Foram momentos terríveis", recorda ele. "Era eu errar um passe para a torcida se revoltar contra mim. Não é fácil você jogar com a camisa 5 quando há um Falcão no banco."

"Ele provou para si mesmo que é um vencedor", atesta Silas, seu companheiro de meio-campo. "A torcida queria que ele sáisse do time e hoje mudou de opinião. Ele acabou conquistando o apoio do próprio Falcão", sustenta Silas. Falcão fala com cautela quando se refere a Márcio Araújo. "É um volante com características defensivas, forte, que impõe respeito", opina. "É um sujeito leal, de boa índole."

Com um temperamento honesto e sincero, Márcio Araújo tem uma legião de amigos e, se não possui a elegância, a tarimba, o talento e outras virtudes que coroaram Falcão, seu prestígio no Morumbi atingiu alturas inimagináveis há alguns anos. "Está na hora de ele ser observado para a Seleção", afirma o companheiro Pita, admirado com a capacidade do parceiro em unir tamanha transpiração a uma boa dose de inspiração — receita que tem consagrado vários craques do futebol moderno. Agora, ao lado do próprio Falcão, Márcio Araújo terá condições de ganhar projeção nacional, caso o São Paulo reedite nesta reta final seus melhores momentos no campeonato.

Ele já provou que possui bons ner-

vos — ao contrário de Falcão, que esteve à beira de um stress emocional nas últimas semanas — para enfrentar o tenso universo do futebol. Outra de suas qualidades — a fidelidade às regras do jogo, que o impede de dar desleais pontapés — também colabora para a velocidade do time são-paulino. "Procuo tirar a bola do adversário sem cometer falta para automaticamente colocar o São Paulo em condições de contra-atacar e fazer o gol", raciocina. Realmente, até o encerramento do segundo turno ele não havia recebido um único cartão amarelo. E em toda Taça de Ouro deste ano isso aconteceu só uma vez.

Essa disciplina Márcio Araújo parece ter adquirido na religião. De uma família católica de São José do Rio Pardo, cidade a 270 km de São Paulo, ele sempre manteve um contato com a Igreja. Desde junho passado

morando nos alojamentos do estádio. Com contrato até janeiro de 1986, espera renovar com um bom aumento para comprar um apartamento nas proximidades do clube. Afinal, sua vida toda gira por ali.

ROTINA E ANGÚSTIA

Ao ser emprestado ao São Bento de Sorocaba em 1983, por exemplo, diz ter passado uma de suas mais angustiantes experiências ao precisar enfrentar o São Paulo no Morumbi. Por isso, no começo deste ano, quando o clube ameaçou vender seu passe se não reformasse o contrato com apenas 40% de aumento, Márcio Araújo ficou magoado, mas acabou assinando em branco. Seu único luxo é um Escort comprado este ano.

Por tudo isso, sua rotina não atinge muitos quilômetros além de seu local



Com o Escort: único luxo de um atleta que inspira sua vida na Bíblia

agregou-se ao grupo Atletas de Cristo, que reúne vários futebolistas, como os companheiros Silas, Müller e Zé Sérgio. A Bíblia é uma leitura constante e nas conversas com os amigos ele é conhecido por fazer citações. "Minha força é a calma, a paz interior e a confiança em Deus", prega. A frase não é dele. Está na própria Bíblia e pertence ao profeta Isaías.

Fora dos afazeres do futebol, Márcio Araújo saboreia a vida sem excessos. Solteiro, com um dos salários mais baixos do São Paulo — 8 milhões de cruzeiros —, ele continua

de trabalho. Um de seus hábitos é passear no Morumbi Shopping, perto do estádio, e ali se distrair fazendo compras, nas lanchonetes ou nas sessões de cinema. Só não pode voltar tarde: os alojamentos do Morumbi fecham às 23 horas, sem perdão.

Nestas finais, se ele der uma olhada para o salário de seu companheiro de meio-campo, vai perceber que Falcão recebe 50 vezes mais que ele. Mas Márcio Araújo sabe que tem pulmões, pernas e vontade para encurtar bastante essa distância. E que não é um jogador de entregar a camisa.

Nelson Urt

O ESPORTISTA DO ANO 1985

O líder Ayrton Senna ultrapassa a marca dos 1 000 votos. É a última semana em que o cupom sai publicado. E só serão computados os votos que chegarem à redação até 7 de dezembro



NICO ESTEVES

Müller



SERGIO SBRAGIA

Romerito

Müller e Romerito são os dois candidatos que mais se aproximam de Ayrton Senna, o primeiro colocado. Mas os fãs-clubes dos dois craques tricolores têm de agir rápido se quiserem destronar o piloto da Lotus: esta é a última semana de publicação do cupom

1.º Ayrton Senna	Lotus/automobilismo	1 086
2.º Müller	São Paulo/futebol	726
3.º Romerito	Fluminense/futebol	661
4.º Zico	Flamengo/futebol	583
5.º Ricky	Vitória/futebol	471
6.º Silva	Brasil-RS/futebol	468
7.º Regina Uchoa	Lufkin/vôlei	399
8.º Ricardo Prado	Flamengo/natação	372
9.º Roberto Dinamite	Vasco/futebol	306
10.º Casagrande	Corinthians/futebol	258
11.º João Leite	Atlético-MG/futebol	252
12.º Rafael	Coritiba/futebol	248
13.º Paula	Unimep/basquete	224
14.º Maurício Gugelmin	Perdigão/automobilismo	122
15.º Reinaldo Lima	Palmeiras/futebol	108
16.º Rubén Paz	Internacional/futebol	105
17.º Alemão	Botafogo/futebol	102
18.º Mirandinha	Cruzeiro/futebol	80
19.º Bebeto	Flamengo/futebol	77
20.º Luís Pereira	Portuguesa/futebol	74

1. A promoção **O ESPORTISTA DO ANO** vai premiar a personalidade esportiva de 1985, entre atletas — profissionais ou amadores — do esporte brasileiro.

2. A escolha será feita em três fases: a) votação dos leitores; b) votação de um Júri da Crítica Especializada, a ser indicado por PLACAR; e c) votação de um Júri Especial de PLACAR.

3. PLACAR publicará os cupons para votação dos leitores até a edição n.º 811 e só computará os que chegarem à sua redação antes de 10 de dezembro. Cada cupom vale um voto e, depois de devidamente preenchido, deve ser remetido à revista PLACAR, Caixa Postal 2372, CEP 04575, São Paulo, SP. Semanalmente, será divulgada uma lista parcial dos esportistas mais votados.

§ 1.º — Poderão receber votos todos os atletas — profissionais ou amadores — de inegável notoriedade nacional.

§ 2.º — Não serão computados os votos enviados em cópias xerox, nem aqueles que não forem despachados exclusivamente pelo Correio. Além disso, só será aceito o máximo de cinco cupons por envelope.

4. PLACAR submeterá os nomes dos dez mais votados pelos leitores

ao Júri da Crítica Especializada, a ser formado por editores e colunistas dos principais jornais e emissoras de rádio e televisão do país. Daquelas dez nomes, este Júri escolherá os três que, no seu entender, mais se destacaram no ano de 1985. A partir desta lista tríplice, então, o Júri Especial de PLACAR — formado por jornalistas da redação da revista — elegerá o **ESPORTISTA DO ANO**.

§ único — O jogador ou atleta que receber o troféu **O ESPORTISTA DO ANO** por três vezes consecutivas ou alternadas será considerado *hors-concours*.

5. **O ESPORTISTA DO ANO** será homenageado com um troféu, que lhe será entregue no início do ano de 1986, em solenidade especial.

§ único — Caso o **ESPORTISTA DO ANO** eleito pelo Júri Especial de PLACAR não seja aquele que recebeu o maior número de votos nos cupons, PLACAR entregará um troféu também ao **ESPORTISTA DO ANO** dos leitores.

6. Os ganhadores dos anos anteriores (Zico, em 1981; Jorginho, em 1983; Sócrates, em 1982 e 83; Montanaro e Joaquim Cruz, em 1984) fazem parte do Júri Especial de PLACAR, com direito a voto.

O ESPORTISTA DO ANO 1985

VOTO EM

MODALIDADE ESPORTIVA

CLUBE

Nome:

Endereço:

Cidade: Estado:

Idade: Profissão:

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ